

PADROEIRA DE PORTUGAL

**MULHER, MÃE E RAINHA:
375 ANOS DA COROAÇÃO DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**

ESTUDOS

**JOSÉ PAULO LEITE DE ABREU
MARCO DANIEL DUARTE
(COORDENADORES)**

PADROEIRA
DE PORTUGAL

PADROEIRA DE PORTUGAL

**MULHER, MÃE E RAINHA:
375 ANOS DA COROAÇÃO DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**

ESTUDOS

**JOSÉ PAULO LEITE DE ABREU
MARCO DANIEL DUARTE
(COORDENADORES)**

MULHER, MÃE E RAINHA

**375 ANOS DA COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
COMO PADROEIRA DE PORTUGAL**

COORDENADORES

José Paulo Leite de Abreu

Marco Daniel Duarte

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Carlos Filipe (IPPEM)

João Pires Lopes (IPPEM)

EDITOR

IPPEM – Instituto da Padroeira de Portugal Para os Estudos da Mariologia

R. de Estremoz n.º 4

7160-226 Vila Viçosa

www.ippem.pt

DESIGN DE CAPA

Joana Carvalho

PAGINAÇÃO

Jorge Neves

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

S.I.R.E. – Gráfica Eborense

Dezembro, 2023

ISBN

978-989-33-5383-7

DEPÓSITO LEGAL

524563/23

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
ABERTURA	11

HISTORIOGRAFIA

A Padroeira de Portugal: temas e problemas de investigação <i>Isabel Drumond Braga</i>	17
---	----

FUNDAMENTOS BÍBLICOS E PATRÍSTICOS

Maria nas Sagradas Escrituras <i>António Couto</i>	29
Vocação e missão de Maria na história da salvação <i>Herculano Alves, OFM Cap</i>	63
<i>Excepta Sancta Virgine</i> <i>José Carlos Lopes de Miranda</i>	99

REPRESENTAÇÕES INSTITUCIONAIS

Academia Real da Historia Portugueza <i>Manuela Mendonça</i>	117
---	-----

- A Sociedade Histórica da Independência de Portugal nas comemorações do 3.º Centenário da proclamação de Nossa Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal 127
Ana Maria Homem Leal de Faria

- A Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (1679-1750): devoção, festa e milagre 145
Francisco José Pegacha Pardal

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS

- Vieira marianólogo 175
José Eduardo Franco

- O *sensus fidelium* e a definição do dogma da Imaculada Conceição: o testemunho do padre António Vieira 201
Porfírio Pinto

- Nossa Senhora Rainha no canto épico do barroco português: *Virginidos*, de Manuel Mendes Barbuda e Vasconcelos 211
Manuel Ferro

- «Para Se namorar do que criou, te fez Deus Virgem Pura» 233
José Rui Teixeira

REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

- Padroeira e Rainha 243
José Carlos Lopes de Miranda

- A Conceição de Portugal: moedas, medalhas e insígnias honoríficas de um tributo nacional 249
António Miguel Trigueiros

- Culto a Nossa Senhora da Conceição na arquitetura e nos equipamentos militares em Portugal 277
Augusto Moutinho Borges

Retábulos marianos de pedra e <i>stucco</i> na época moderna em Portugal <i>Carlos Filipe, Maria João Pereira Coutinho, Patrícia Monteiro</i>	311
Belo, simbólico, durável e nacional <i>Clara Moura Soares, Rute Massano Rodrigues, Carlos Filipe, Noel Moreira</i>	343
As coroas solenes das imagens da Virgem Maria: Vila Viçosa, Sameiro e Fátima <i>Marco Daniel Duarte</i>	385
MARCAS MARIANAS NA CULTURA DOS POVOS	
A alma mariana do povo português <i>Paulo Abreu</i>	419
Inmaculismo, evangelización y política en el Nuevo Mundo <i>István Szászdi</i>	457
Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, em documentos da Torre do Tombo <i>Fátima Ó Ramos</i>	483
Nossa Senhora da Fresta, Padroeira de Trancoso <i>Eduardo J. E. Domingues</i>	515
O culto a Nossa Senhora da Luz, em Carnide, Lisboa <i>Maria Isabel Roque, Maria João Forte</i>	557
A «face» imaculista de Santa Maria da Arrábida <i>Ruy Ventura</i>	577
A presença da Imaculada Conceição no quotidiano devocional de Évora (período moderno). O caso dos conventos femininos <i>Antónia Fialho Conde</i>	595
O culto de Nossa Senhora do Rosário no Barreiro <i>Lina Maria Soares</i>	619

O contributo da Virgem Peregrina de Fátima para a difusão do culto mariano no mundo <i>Sónia Vazão</i>	633
Coroar a Rainha do Mundo: a coroação de imagens de Nossa Senhora de Fátima como estratégia pastoral do Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima no combate ao ateísmo comunista no quinquénio 1967-1971 <i>André Melícias</i>	667
REPRESENTAÇÕES TEOLÓGICAS E INTERPELAÇÕES PASTORAIS	
O «silêncio» sobre Maria no imediato pós-concílio <i>José Eduardo Borges de Pinho</i>	693
Mulher, Mãe e Rainha à luz do Magistério contemporâneo <i>Maria Helena da Guerra Pratas</i>	705
A identidade mariana dos marianos <i>Basileu Pires</i>	721
Desafios contemporâneos aos santuários marianos: devoção, peregrinação e turismo <i>Carlos Cabecinhas</i>	739
A pastoral dos santuários dedicados à Virgem Maria <i>Rino Fisichella</i>	751
Que Mãe? <i>Carlos A. Moreira Azevedo</i>	761

Nossa Senhora Rainha no canto épico do barroco português: *Virginidos*, de Manuel Mendes Barbuda e Vasconcelos

Manuel Ferro

UC
CIEC

A coroação de Nossa Senhora da Conceição como Rainha de Portugal em 1646 e a sua proclamação como Padroeira do Reino, logo seguida pela atitude assumida pela Universidade de Coimbra que jurou defender, pública e particularmente, o dogma da Imaculada Conceição, é um reflexo da intensa devoção mariana vivida no século XVII, justificando-se assim o lugar de proeminência que adquire na religiosidade da época e, conseqüentemente, nas letras e nas artes¹. Basta lembrar que, entre as 16 dezenas de sermões do Padre António Vieira, proferidos entre 1634 e 1692, um número considerável é dedicado à Virgem Maria, nas mais variadas invocações (Conceição da Virgem, dois à Visitação de Nossa Senhora, a Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Ó, Dolores da Virgem, Glória de Maria, Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora da Penha de França, Nascimento da Virgem (Nossa Senhora da Luz), Nossa Senhora do Carmo, Santíssimo Nome de Maria e nascimento da Mãe de Deus), além de muitas outras alusões disseminadas em todas as suas intervenções.

O seu protagonismo alicerça-se num feixe de características que lhe são reconhecidas, como a prudência, a humildade, a caridade, a piedade e a fortaleza², que ao tempo se coadunam com a tipologia do herói cristão, pelo menos como os códigos poéticos e literários o prescreviam. Emergindo da

¹ VASCONCELOS, António de – *O mistério da Imaculada Conceição e a Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1904.

² BISINOTO, Eugénio – *Conheça os títulos de Nossa Senhora*. Aparecida: São Paulo, Editora Seminário, 2010, pp. 3-5.

tradição hagiográfica de raiz medieval³, Jacopo Sannazaro havia lançado as bases da epopeia cristã com *De partu Virginis*⁴, em que a Virgem ocupa um lugar de relevo⁵, como bem se compreenderá, e Torquato Tasso, na *Gerusalemme liberata*⁶, acentua o carácter devoto, edificante e formativo do herói, agora valorizado também pela sua firmeza, sapiência e confiança, dele fazendo um modelo de virtudes – que assim evolui da bravura convencional em campo de armas, se bem que então já travejado por um porte exemplar de tipo ético e moral. Tais dimensões acabam, a outro nível, por modelar o discurso épico-narrativo dos poemas do barroco, pelo que, ao tempo, se acata com naturalidade a ascensão dos santos e mártires à dignidade do canto épico⁷.

Neste contexto, surge em Portugal um ciclo épico mariano, evidentemente dedicado à Virgem, que tanto conta com uma série de composições de menor fôlego em oitava rima, como a parte que lhe é consagrada na extensa obra da autoria de Bartolomé Cayrasco de Figueroa, *Templo militante, Flos sanctorum y Triunfo de sus virtudes*, em quatro partes⁸, em que se assiste ao processo de transposição da narrativa hagiográfica para o canto épico; como epopeias de matriz religiosa, como as que soror Maria de Mesquita Pimentel compôs com os títulos de *Memorial da infância de Cristo e triunfo do divino amor*, de 1639, *Memorial dos milagres de Cristo e triunfo do divino amor* e *Memorial da*

³ Inserido no género do *Flos sanctorum*, refira-se, a título de exemplo, a *Legenda áurea*, de Tiago de Voragine, composto em 1275 a partir de manuscritos e da tradição oral, que consagra três capítulos à matéria mariana de acordo com as festividades do ano litúrgico, a saber, um dedicado à «Purificação da bem-aventurada Virgem Maria», festejada a 2 de fevereiro; outro, à «Assunção da bem-aventurada Virgem Maria», a 15 de agosto; e um terceiro, à «Natividade da Virgem Santa Maria», celebrada a 8 de Setembro (cf. VORAGINE, Tiago de – *Legenda áurea*. Porto: Libreria Civilização Editora, 2004, 2 vols.).

⁴ SANNAZARO, Jacopo – *De partu Virginis*, Fantazzi C., dir.; Perosa, A., org. Firenze: Olschki, 1988 [1526].

⁵ Sobre este assunto, veja-se FERRO, Manuel – O impacto da proposta humanista da épica cristã em Portugal. In Fraga, Maria do Céu *et al.*, org. – *Camões e os contemporâneos*. Coimbra/Ponta Delgada/Braga, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos/Universidade dos Açores/Universidade Católica Portuguesa, 2012, pp. 309-326.

⁶ TASSO, Torquato – *Gerusalemme liberata*. Casalmaggiore: Appresso Antonio Canacci & Erasmo Viotti, 1581.

⁷ Cf. FERRO, Manuel – *A recepção de Torquato Tasso na épica portuguesa do barroco e neoclassicismo*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004, p. 640.

⁸ FIGUEROA, Bartolomé Cayrasco de – *Templo militante*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1613, partes I e II; Madrid: Luis Sanchez, 1609, partes III; Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1614, partes IV.

*Paixão de Cristo e triunfo do divino amor*⁹, ainda em manuscrito, nas quais cabe à Virgem o papel de coprotagonista, em função do protagonismo de seu Filho; bem como longas epopeias em que, apesar de manter o mesmo estatuto adjuvante, Maria assume o estatuto de protagonista e modelo de virtudes, e em que toda a focalização da obra se centra na sua pessoa. É nesta série que *Virginidos*¹⁰, de Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos, constitui o ponto mais alto de exaltação épica da Rainha dos Céus e, na altura, já Rainha de Portugal.

Este poeta, nascido em Verde-Milho, próximo de Aveiro, em 1609, aí vem a falecer em 1670 e é sepultado na igreja de São Pedro de Aradas. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, foi juiz de fora em Caminha, Valença e Lamego, além de insigne cultor das musas¹¹. *Virginidos ou vida da Virgem Senhora nossa, dedicado à majestade da rainha D. Luísa*, saído dos prelos em 1667, é também a sua obra de maior fôlego, posta à venda, ao tempo, por oito tostões¹². Trata-se dum poema heroico, uma epopeia, antecedida dum Prólogo do autor e dum curioso e sugestivo «Juízo crítico», da lavra de frei André de Cristo¹³, uma autêntica arte poética centrada neste género literário, que demonstra quanto o poema obedece aos códigos e normas de composição até ao momento prescritos. É composto em 20 cantos em oitava rima, segundo o modelo mais acabado do paradigma tassiano, a *Gerusalemme Liberata*. Prevendo eventuais críticas, logo avança com explicações

⁹ PIMENTEL, Maria de Mesquita – *Memorial da infância de Cristo e triunfo do divino amor*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2016 [1639]; IDEM – *Memorial dos milagres de Cristo e triunfo do divino amor*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2017; IDEM – *Memorial da Paixão de Cristo e triunfo do divino amor*, 1698, Biblioteca Pública de Évora, Cod. 406, Coleção Manizola.

¹⁰ VASCONCELOS, Manuel Mendes de Barbuda e – *Virginidos ou vida da Virgem Senhora Nossa. Poema heroico*. Lisboa: na Oficina de Diogo Soares de Bulhoens, 1667.

¹¹ Cf. MACHADO, Diogo Barbosa – Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos. In Machado, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana*. Lisboa: Na Oficina de Ignacio Rodrigues, 1752, tomo III, p. 309; SILVA, José Maria da Costa e – *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portugueses*. Lisboa: Imprensa Silviana, 1834, tomo 8, livro xvii, capítulo iv, pp. 92-94; SILVA, Inocência Francisco da – *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, tomo vi, p. 59.

¹² VASCONCELOS, Manuel Mendes de Barbuda e – *op. cit.*, fl. 3v.

¹³ CRISTO, André de – *Juízo poético*. In Vasconcelos, Manuel Mendes de Barbuda e – *Virginidos ou Vida da Virgem Senhora nossa. Poema heroico*. Lisboa: na Oficina de Diogo Soares de Bulhoens, 1667, fl. [12f]-[91].

que o isentem de possíveis acusações, justificando a composição da obra do seguinte modo:

[...] Foi pois o motivo que me impeliu, ler eu em minha puerícia a vida do grande Patriarca S. José (que tão suave e elegantemente decantou aquele Cisne Castelhano) e da lição dela me resultou uma nobre inveja e fervoroso desejo de ver estampado em poema épico no nosso idioma português um Epítome da vida daquela suprema Rainha Esposa sua (a cujas sacras plantas as mais sublimes Rainhas da terra são indignas de dar base em suas coroas, favor que só uma celeste luminária logra, pois por lhe servir de prateado chapim não somente é o primeiro planeta do Céu, mas nele ocupa o lugar primeiro)¹⁴.

E não seria o último no contexto peninsular, porque, segundo nos esclarece Inocêncio Francisco da Silva,

[...] Não foi só o Dr. Barbuda que tomou em seu tempo para assunto de um poema épico a *Vida da Virgem Santíssima*. O Padre António de Escobar e Mendonça, jesuíta espanhol contemporâneo compôs também e imprimiu um poema de trinta e seis cantos em oitavas castelhanas, com o título *Nueva Gerusalén, Maria, poema heroyco. Fundase en los doze preciosos cimentos de la mystica ciudad, la vida y excelencias de la Virgen madre de Dios*¹⁵.

Por conseguinte, se ao tempo o poema foi aclamado e recebido com entusiasmo em Portugal, nem sempre partilhou de igual parecer entre o público leitor, e mormente até entre os letrados dos séculos vindouros, a ponto de quase cair no esquecimento dos homens, à medida que a densa camada de poeira das bibliotecas o cobriam com aquele manto de inefável desconsideração. O padre Francisco Ferreira Barreto referiu-se a *Virginidos* como «muito mau poema»¹⁶. E o juízo de José Maria da Costa e Silva não prima pelo elogio, mas ainda assim revela-se mais condescendente, se bem que levante dúvidas quanto à possibilidade de o classificar como uma genuína epopeia, caindo mais para vê-lo como um poema histórico:

¹⁴ VASCONCELOS, Manuel Mendes de Barbuda e – *op. cit.*, «Prólogo», fl. 4v.

¹⁵ SILVA, Inocêncio Francisco da – *op. cit.*, p. 59.

¹⁶ BARRETO, Francisco Ferreira – *Analyse de hum soneto de Manoel Maria de Barboza du Bocage*. Recife, PE: Tipografia de Santos & Companhia, 1849, p. 24.

Se rica e ardente imaginação, invenção fértil, muita facilidade de compor, linguagem elegante e correcta, muito saber, e versificação fácil, corrente e harmoniosa bastassem para formar um grande poeta épico, o doutor Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos teria sido um dos primeiros épicos, não só de Portugal, mas da Europa. Porém [faltou-lhe] aquele tato fino e delicado, que nos dirige na escolha dos objectos, nos ministra o sentimento do verdadeiro belo, nos ensina a bem dispor e coordenar as diferentes partes de um todo, e sobretudo a dizer só o que se deve dizer, e do modo mais próprio e conveniente. Este dote tão raro, tão essencial, e que se chama *bom gosto*, faltou inteiramente a Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos: e por isso o seu poema, que ao sair à luz foi geralmente admirado e aplaudido por doutos e indoutos, veio a cair em um total esquecimento, aliás imerecido, porque abunda em belezas parciais, que podem tornar de grande interesse para os poetas a sua leitura¹⁷.

Mendes dos Remédios, porém, considera-o mais uma das composições feitas «para honra dos seus autores, crónicas rimadas, quando não são unicamente repositórios de empoladas hipérbolés, a desafiarem a mais acendrada paciência»¹⁸. E Albino Forjaz de Sampaio, a propósito de Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos limita-se a apontar a fértil imaginação do autor enumerando três títulos de índole lírica, pelo que deixa entrever o seu desaproço pela obra deste poeta, atendo-se a referir, ao nível da elocução, uma imagem que considera representativa do seu estilo, quando designa os cavalos brancos por «cisnes quadrúpedes»; no âmbito da épica, nem o menciona, ignorando-o por completo¹⁹.

No entanto, leituras mais recentes reconduzem o poema e o autor ao seu legítimo lugar. A aversão que o estilo barroco enfrentava no século de Oitocentos começa a ceder lugar a uma devida contextualização histórico-literária e poética, e privilegia-se uma leitura de *Virginidos* à luz do gosto da época e segundo os códigos dominantes, que se impunham com determinantes para a composição dum poema épico perfeito, género em que se punha à prova o estro poético de cada autor que aspirava ascender às cumeadas da fama e da celebridade, e a cujo fim se dedicavam por vezes décadas de

¹⁷ SILVA, José Maria da Costa e – *op. cit.*, pp. 94-95.

¹⁸ REMÉDIOS, Mendes dos – *História da literatura portuguesa desde as origens até à actualidade*. 5.^a ed. Lisboa: Lumen, 1921, p. 345.

¹⁹ SAMPAIO, Albino Forjaz de – *História da literatura portuguesa ilustrada*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1932, vol. III, p. 146.

existência, esperando fazê-lo numa fase mais provecta da vida de cada um, de sólido conhecimento e experiência, como é aqui o caso.

Neste sentido, facilita-nos em muito o labor de frei André de Cristo, o autor do «Juízo crítico» que antecede o poema, quer como entusiasta admirador contemporâneo do poeta, quer como figura autorizada que reflete sobre matérias de poética. Além de elaborar um autêntico tratado sobre estas temáticas, preocupa-se em mostrar como *Virginidos* obedece canonicamente aos preceitos preconizados pelos mais sábios eruditos do género até ao seu tempo. Escuso-me de enumerar os tópicos tratados, presentes em quase todas as artes poéticas precedentes, e limito-me a adiantar aqueles em que se reconhece a audácia, a ousadia do autor e até o seu contributo inovador. Por exemplo, logo que aborda a questão delicada do estatuto do herói numa epopeia, adianta:

Ultimamente pode ser mulher a que empreenda e execute uma acção ilustre e varonil, como temos visto e ouvido, que ainda que o verosímil pode acomodar ao sexo feminino acções de brandura, temor e fraqueza, contudo, diz o Filósofo [Aristóteles] part. I 51 que é verosímil obrarem-se talvez algumas cousas fora do verosímil. *Verisimile enim fieri aliqua, præterid, quod verisimile est.* E assim foi patrocinado nesta parte dos mais doutos engenhos de França o moderno poema épico de Monsieur Charpentier, que tomou por heroína a Pucela de Orleães²⁰.

Mas não se fica por aí e, assumindo um estilo demonstrativo, prossegue na defesa do poema e no encómio do autor, ao legitimar o papel exemplar da Virgem Maria como corredentora e colibertadora da Humanidade face ao pecado original:

[...] Observou seu Autor todas as regras e documentos que pede e deve ter um poema épico, e que tem todos os requisitos, que são necessários para um poema grande e admirável. Para prova desta verdade, não necessitamos de mais que de acomodar-lhe a doutrina referida.

Primeiramente nele se imita uma acção e essa a mais ilustre que obrou criatura alguma, que é o triunfo que Maria Santíssima alcançou do inferno, da morte e da culpa, sendo Corredentora e Colibertadora juntamente com seu Filho Jesus Cristo, ela de conveniência, ele de justiça dos homens, que estavam cativos

²⁰ CRISTO, André de – *op. cit.*, fl. [16f]-[16v]).

debaixo do domínio destes tiranos inimigos, cujo triunfo se publicou no princípio do mundo: *Ipsa conteret caput tuum*; e por esta causa se chama esta Senhora terrível: *Terribilis ut castrorum acies*; Mulher forte e heroína, &c. E este é o comum falar dos sagrados Doutores e Santos Padres²¹.

Por esse motivo, arranca a proposição da epopeia com a enumeração de epítetos que a tradição hagiográfica lhe vinha atribuindo e que se generalizaram no discurso poético, conferindo a todo o poema uma função simultaneamente encomiástica e edificante:

A esta ilustríssima acção concorreram Maria Santíssima e seu Filho Jesus Cristo do modo já explicado. Porém, o nosso poeta somente a canta enquanto pertence a esta Senhora e assim abre o poema dizendo:

*Canto as armas da Torre sublimada
Do Palestino Rei, sempre triunfante,
Que de heróicas acções, de esforço armada
Foi da forte Mulher, forte e constante*²².

Por outro lado, a diegese estrutura-se de acordo com o princípio da unidade de acção e, apesar de reconstituir uma hagiografia fundada na narrativa bíblica, acaba por se adequar aos ensinamentos aristotélicos como um todo coeso e coerente, visando em última instância a subsequente exaltação de Jesus Cristo e sua missão salvífica:

[...] O fim desta acção é um só e todas as acções da vida desta soberana Heroína vão encaminhadas a uma empresa, tirada uma delas, claudica toda a história, que é o final que Aristóteles deu part. 51 para ver se uma parte pertencia ao todo dessa mesma história. [...] Na vida da Mãe de Deus todas suas acções vão dependendo umas das outras e as precedentes ordenadas às subseqüentes²³.

Todavia, à boa maneira barroca, tudo começa no princípio e no princípio era o Verbo... Desde a criação do homem, se o pecado logo o domina, é por acção duma Mulher, na tradição de muitas outras figuras femininas da história

²¹ *Ibidem*, fl. [32v].

²² *Ibidem*, fl. [33f].

²³ *Ibidem*, fl. [33f]-[33v].

bíblica, que a salvação se obtém e é a Virgem quem Deus elege para, através dela, a redenção do homem se alcançar:

[...] Maria Santíssima nele [no poema] é a figura e o figurado: é a figura porque ela mesma é a quem o poeta escolheu para representar suas mesmas acções; é o figurado, porque de mais de ser esta Senhora em seu triunfo figurada nas matronas ilustres da antiga lei, como em Judite triunfante de Holofernes, em Ester libertando a seu povo, em Jael tirando a vida a Sisara, também ela se representa a si mesma. Com que conluo, dizendo que a vida desta Senhora é somente uma acção, e essa a mais ilustre de todas que obraram puras criaturas, e que faz pelo místico que encerra mais nobre o poema; e assim o nosso poeta havendo dito na estância referida que cantava uma heroína adornada de muitas acções heróicas, conclui o poema (ou já o guiasse o engenho ou a arte ou a inspiração), manifestando que canta uma acção ou empresa somente em uma apóstrofe ou peroração que faz a Maria Santíssima:

*Sirva meu rudo som, díssono acento
De despertar a acção tão excelente
Os Cisnes de outra voz, de outro talento,
Que eu os escutarei mui prontamente:
Foi só vosso louvor meu puro intento,
Se algum vos resultar da acção presente, &c.*

Esta acção começa o poeta a imitar desde seu princípio, quando Deus na eternidade elegeu a Maria Santíssima para esta admirável empresa, assim o fez Sannazaro *De partu Virginis*:

*Viderat ætherea superum regnator abarce
Unidque colectas vectari in Tartara prædas, &c.*

E andou muito acertado, porque a vida desta Senhora não é larga e facilmente percebe a memória, antes anda na memória de todos os Católicos muito sabida e lembrada; e assim pode alargar com vários episódios e fazer o poema como pede Aristóteles na part. I 29, cuja autoridade já fica referida [...] ²⁴.

Deste modo, o poema assume uma vertente mais do que edificante e formativa, acentuando a feição do útil e proveitoso que a produção literária pode assumir, numa perspectiva explicitamente de índole aristotélica:

²⁴ *Ibidem*, fl. [34f]-[35f].

Este poema, e quanto encerra em si, é útil e proveitoso, porque é um erário de virtudes e uma Academia de toda a perfeição e, enfim, o mais útil que se pode compor. É juntamente deleitável, não somente no adorno da poesia, mas ainda na história; porque se as cousas ainda dolorosas causam gosto vistas na imitação, como disse o nosso filósofo part. I 9, as de nossa redenção, pelo proveito que delas nos veio, nos são de grande contentamento²⁵.

Assim, se a seleção da matéria e configuração da fábula é fundamental para o sucesso da epopeia, ao poeta compete sabê-la revestir de verosimilhança, de modo a transfigurá-la e torná-la sublime:

[...] O ofício do poeta primeiro é atender às cousas, isto é à fábula, à contextura dela, à expressão dos costumes, à evidência e persuasão das sentenças, às ideias e a todo o género de imitação própria, sublime e admirável: *Ex his igitur patet poetam, fabularum magis, quam carminum esse poetam, ut qui sempre circa imitationem versetur*²⁶.

Contudo, não menos importante é a componente estilística e retórica. A locução é uma vertente determinante, na medida em que é a materialidade do ritmo da enunciação que em primeiro lugar atrai o leitor/ouvinte e põe à prova a agudeza e expressividade do poeta:

Digo, pois, que na locução é este poema métrico, sonoro, elegante e adornado de todo género de tropos e figuras; e todas elas usadas com muita propriedade, acerto e agudeza de engenho²⁷.

Por consequência, ao tempo, a componente artística do discurso merecia uma atenção especial, a fim de causar maravilha, como pressupõe a tendência gongórica vigente, mas não menos determinante era o elevado jogo de conceitos que se esgrimia entre a agudeza do poeta e a dos seus leitores, a ponto de se pretender que o engenho de quem escreve fosse decodificado por quem lê; quer numa perspectiva, quer noutra, Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos, acaba por se revelar, neste mesmo poema, um hábil talento:

²⁵ *Ibidem*, fl. [35v].

²⁶ *Ibidem*, fl. [37v].

²⁷ *Ibidem*, fl. [38f].

Este género de figuras são em nosso poeta tão naturais e felicíssimas que parece que manam do seu engenho claro, como de uma clara fonte líquida corrente; e vê-se, porque as lança sem violência ou afectação alguma; e, por isso, tão fora estão de parecerem mal, que antes dão muita graça à locução do poema e são deleitáveis e admiráveis para quem as ouve e entende²⁸.

Dominando as estratégias retóricas na perfeição, perfeição, o autor recorre e usa os mais variados tipos de figuras de estilo, desde a metáfora, basilar para a construção do discurso figurado, até aos mais elaborados recursos expressivos, como a antanáclase, que aplica logo nas primeiras estâncias do Canto I. A par desses expedientes, numa composição barroca, como é o caso, não poderia faltar a alegoria, em que virtudes personificadas são usadas com um objetivo encomiástico, o de louvar e glorificar a Mãe de Deus.

Veja-se o canto 8. deste poema, que nele introduz o poeta cinco pastoras, cada uma delas com seu ramalhete, e nele a primeira letra do seu nome, formada e composta das flores dos mesmos ramalhetes, que oferecem a Maria Santíssima, que todas as cinco letras juntas fazem o nome de MARIA; e sucedendo isto a caso, parece que levava ordem e que de propósito era feito e assim, causa admiração, como cousa admirável. Isto é ser poeta, saber formar estas ideias e fantasias, e nisto é que se há-de reparar, que o demais são duas palavras mais, ou menos, que importam muito pouco e não perturbam as inventivas do espírito poético²⁹.

Em suma, obedecendo a todos estes critérios, não admira que o poema, na aceção de frei André de Cristo, corresponda fielmente aos requisitos necessários para ser considerado uma epopeia perfeita em termos formais, ainda mais por cantar uma matéria tão levantada em termos religiosos e tão formativa, enquanto inspiradora de costumes edificantes:

Enfim, este poema é cabal e perfeito, e não está somente ajustado às regras e preceitos da arte, senão que também está ilustrado com a viveza da imitação, com a representação dos costumes, com a eficácia das sentenças, com a doutrina das ciências, com o exemplo das acções, com o resplendor das palavras, com o escolhido das vozes, com a pureza das línguas, com a majestade da locução, com

²⁸ *Ibidem*, fl. [41f].

²⁹ *Ibidem*, fl. [44f].

o sonoro da melodia, com o número do ritmo, com a cadência das cláusulas, com a observância dos hemistíquios, com o idóneo dos epítetos, com a elegância das frases, com a inventiva dos tropos, com a beleza das figuras, com a admiração das ideias, e ultimamente vestido e composto de todo o poético ornato. Mostrou-se o nosso poeta nele o que disse Escalígero de Virgílio: *Est magnificus, numerosus, augustus, loculentus, grandiloquus, vehemens, supra humanum captum amplificat cum majestate*³⁰.

Na realidade, era o reflexo do complexo mental, cultural e religioso vigente, em que se desenvolvia, em paralelo e de modo convergente com o debate de fundo teológico acima referido, sobre a afirmação do dogma da Imaculada Conceição em contexto académico, uma outra linha de ordem teológico-moral que ganhava força e que acabou sistematizada por António de Sousa de Macedo em *Eva e Ave ou Maria triunfante*³¹. Em semelhante conjuntura, *Virginidos* adquire uma importância superlativa.

Bibliografia

- ARISTÓTELES – *Poética*. 6.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.
- BARRETO, Francisco Ferreira – *Analyse de hum soneto de Manoel Maria de Barboza du Bocage*. Recife, PE: Tipografia de Santos & Companhia, 1849.
- BISINOTO, Eugénio – *Conheça os títulos de Nossa Senhora*. Aparecida: São Paulo, Editora Seminário, 2010.
- CRISTO, André de – *Juízo poético*. In Vasconcelos, Manuel Mendes de Barbuda e – *Virginidos ou Vida da Virgem Senhora nossa. Poema heroico*. Lisboa: na Oficina de Diogo Soares de Bulhoens, 1667, fl. [12f]-[91].
- FERRO, Manuel – O impacto da proposta humanista da épica cristã em Portugal. In Fraga, Maria do Céu *et al.*, org. – *Camões e os contemporâneos*. Coimbra/ Ponta Delgada/ Braga, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos/Universidade dos Açores/Universidade Católica Portuguesa, 2012, pp. 309-326.
- IDEM – *A recepção de Torquato Tasso na épica portuguesa do barroco e neoclassicismo*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.
- FIGUEROA, Bartolomé Cayrasco de – *Templo militante*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1613, partes I e II; Madrid: Luis Sanchez, 1609, partes III; Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1614, partes IV.

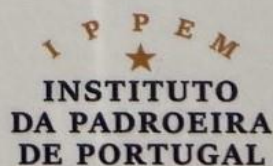
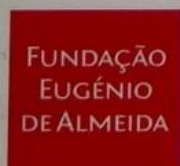
³⁰ *Ibidem*, fl. [45v]-[46f].

³¹ MACEDO, António de Sousa de – *Eva e Ave ou Maria triunfante*. Lisboa: na Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1734.

- MACEDO, António de Sousa de – *Eva e Ave ou Maria triunfante*. Lisboa: na Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1734.
- MACHADO, Diogo Barbosa – Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos. In Machado, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana*. Lisboa: Na Oficina de Ignacio Rodrigues, 1752, tomo III, p. 309
- PIMENTEL, Maria de Mesquita – *Em treze cantos: Epopeia feminina em recinto monástico. Memorial dos milagres de Cristo*. Porto/Évora/Coimbra, CITCEM/CIDEHUS/CHSC, 2014.
- IDEM – *Memorial da infância de Cristo e triunfo do divino amor*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2016 [1639].
- IDEM – *Memorial da Paixão de Cristo e triunfo do divino amor*, 1698, Biblioteca Pública de Évora, Cod. 406, Coleção Manizola.
- IDEM – *Memorial dos milagres de Cristo e triunfo do divino amor*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2017.
- REMÉDIOS, Mendes dos – *História da literatura portuguesa desde as origens até à actualidade*. 5.^a ed. Lisboa: Lumen, 1921.
- SAMPAIO, Albino Forjaz de – *História da literatura portuguesa ilustrada*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1932, vol. III.
- SANNAZARO, Jacopo – *De partu Virginis*, Fantazzi C., dir.; Perosa, A., org. Firenze: Olschki, 1988 [1526].
- SILVA, Inocêncio Francisco da – *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, tomo VI.
- SILVA, José Maria da Costa e – *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portugueses*. Lisboa: Imprensa Silviana, 1834, tomo 8, livro XVII, capítulo IV, pp. 91-132.
- TASSO, Torquato – *Gerusalemme liberata*. Casalmaggiore: Appresso Antonio Canacci & Erasmo Viotti, 1581.
- VASCONCELOS, António de – *O mistério da Imaculada Conceição e a Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1904.
- VASCONCELOS, Manuel Mendes de Barbuda e – *Virginidos ou vida da Virgem Senhora Nossa. Poema heroico*. Lisboa: na Oficina de Diogo Soares de Bulhoens, 1667.
- VORAGINE, Tiago de – *Legenda áurea*. Porto: Libreria Civilização Editora, 2004, 2 vols.

A pastoral do santuário mariano, mais que a de outros, deveria ter a capacidade de criar as condições para que o peregrino se ponha à escuta da Palavra de Deus. O santuário não pode ser apenas o lugar onde se celebram os sacramentos. Não podemos esquecer-nos de que não pode haver apenas a dedicação à celebração eucarística, que continua a ser sempre o ápice da vida cristã. A celebração da Palavra de Deus encontra expressão também na lectio divina e noutras expressões que favoreçam o encontro e a escuta da Palavra de Deus. Favorecer os momentos de silêncio e de proclamação da Palavra de Deus, criar espaços para que aquela Palavra seja meditada, de modo a encontrar motivos que tenham correspondência com a própria vida, suscitar a contemplação dessa mesma Palavra como mistério que penetra na própria existência, tudo isto são aspetos que pertencem de modo peculiar ao santuário, porque são aspetos que qualificam a experiência da oração.

Excerto do texto de
Rino Fisichella



ISBN 978-989-33-5383-7



9 789893 353837